

COISAS ESQUISITAS

Estava em Londres quando conheci um jovem muito simpático que estivera aqui em São João del-Rei num programa de intercâmbio familiar. Perguntou-me se eu estava gostando da cidade que, para quem não a conhece, tem fama de ser feia e cinzenta. Pelo pouco que já tinha visto, humilhado diante daquela estupenda arquitetura, cuidadosamente preservada ao longo de séculos, só poderia dizer que sim. E estava mesmo, sobretudo porque passara o dia em Kew Garden, um maravilhoso e bem tratado jardim botânico e à tardinha tinha ido ver nosso conterrâneo Santiago Sabino tocar a *Sinfonia Fantástica*, de Berlioz, no Royal Festival Hall. Não poderia deixar de perguntar ao meu interlocutor se ele tinha gostado de São João del-Rei e o que ele tinha visto aqui de mais interessante, crente que ele ia dizer algo sobre a igreja de São Francisco ou sobre a Ponte da Cadeia. Respondeu-me que tinha gostado muito do povo e a coisa mais interessante que ele viu, perto do Coreto (teve dificuldades de pronunciar a palavra), foi um boi passeando na rua.

Aí está uma coisa esquisita e digo que é uma autêntica faca de dois gumes, pois tanto pode impressionar o turista generoso que, ao ver o gado vacum passeando pelas ruas, veja nisso uma atração extravagante; como pode acontecer que ele se espante e cá não volte e ainda recomende aos seus amigos que aqui não venham.

Na primeira hipótese, é um caso a ser pensado. Guardaríamos algumas vaquinhas ali na Prainha e, no momento em que os turistas fossem passando perto do Coreto, soltaríamos a manada que depois seria recolhida aos estábulos, aguardando nova apresentação. Tudo muito bem planejado para não dar a impressão de coisa

arranjada. Aí sim, é o turismo inteligente gerando empregos e trazendo divisas para nossa terra.

A prudência recomenda, entretanto, que devemos começar pela segunda hipótese, isto é, bois, vacas, burros, mulas, jumentos, jumentas, cavalos, éguas, cachorros, cadelas, cabras, cabritos e porcos (eu já vi um, ali perto da rodoviária, fuçando na beira do imundo córrego) não deveriam andar pela cidade. Afinal, estamos arrematando o Século XX, estamos numa cidade cosmopolita de quase 300 anos, conhecida internacionalmente pela sua música e por ser berço de Tiradentes, Tancredo Neves e de mais uma galeria de notáveis, e creio que não fica bem apresentá-la como um quadro que mais se aproxima do longínquo oeste norte-americano, no tempo de Bufalo Bill. É verdade que, antigamente, faz mais de 50 anos, boiadas enormes atravessavam a cidade de fora a fora, mas eram boiadas que tinham dono e simplesmente passavam, de serviço; não eram displicentes e desgarrados caminhantes.

Lembro-me, a propósito, de um caso engraçado: vinha uma boiada na Avenida Eduardo Magalhães (antiga Rua dos Voluntários, segundo o Prof. Sebastião Cintra) quando um cidadão foi colhido de surpresa entre a ponte do Grupo João dos Santos e a ponte da Cadeia (não existia a esquina da casa dos Rattons). Apavorado, sem saber se ia ou se voltava, ouviu os gritos salvadores do Joanino Lobosque: — *“Sobe no cais, sobe no cais!”* E por muito pouco, o turco — era um turco velho — não foi garfado *pelas armas dos touros enraivecidos*.

Mas, voltando ao assunto, nunca consegui entender a existência de gado gazeteiro. Sempre pergunto: de quem são esses animais que vagueiam sem rumo? E nunca obtenho uma resposta, ninguém nunca sabe. Aqui perto da minha casa há um burro, coitado, que mal agüenta andar. É verdade que ele ainda presta algum serviço, pastando

nos lotes baldios e, portanto, mantendo o mato em patamares suportáveis. Às vezes aparecem umas vaquinhas que lhe fazem companhia. Será que tem que ser assim mesmo?

Vai aqui um apelo ao Poder Público, que ultimamente tem arranjado soluções originais para velhos problemas da cidade. Pense no caso, Sr. Prefeito.

1º de maio de 1995

Publicado na Tribuna Sanjoanense - 23.05.1995